

Encerramento das atividades - 2020

Prof. Dr. Ivonaldo Neres Leite

O fim de ano, no mundo ocidental, é geralmente tomado pelo eco de uma espécie de ‘realismo mágico’ que chega até mesmo a recolher as promessas dos contos infantis, ordinariamente descartadas por causa de uma presumível maturidade dos adultos. Assume-se uma topografia de pensamento que rejeita a degradação da existência, assim como as veladas e explícitas manifestações insultuosas de depreciação e maledicência. É como se o ambiente gerado fosse contornado por uma suavidade crepuscular. Algo que nos faz sentir como crianças irradiadas de satisfação que espreitam, através das frestas da porta, as luzes da árvore de Natal. O luminoso vislumbre da promessa de plenitude.

Porém, pessoas são ‘como lugares mal situados’, no sentido de analogia com a metafísica de Daniel Faria¹. Como lugares fora dos mapas. Como pedras fora do chão. Como crianças órfãs. Agitadas sem bússola onde repousem. Pessoas são como fronteiras invadidas. Com caminhos barricados. Que querem passar pelos atalhos sufocados. Sulfatadas pelos destinos. Desempregadas das suas vidas. Pessoas são como projetos de casas. Inclínadas para o mundo. Nas varandas voltadas para a velhice. Marcadas pelas intempéries. Pessoas são muito voltadas para um único modo de ver. Um olhar fixo como quem vem caminhando ao encontro de si mesmo. Desprevenidas para se perceberem. Pessoas vivem como se estivessem na chuva com as mãos nos olhos. Imaginando relâmpagos e trovões. Impreparadas e confusas. À espera de algo. Pessoas às vezes são esconderijos. Aprisionadas. Sendo o que não são. Pessoas são como...

Então, passado o fim de ano, aquele pensamento que ecoa no período recolhendo as promessas dos contos infantis se esvai. As crianças que espreitam a árvore de Natal, irradiadas de satisfação e sob o vislumbre luminoso da plena realização humana, revelam o seu devir nas ‘pessoas que são como lugares mal situados’. Mas não há que abrir mão da topografia de pensamento que enfeixa claridade para o ‘ato primaveril’ de fim ano: luzes para uma renovação, um ressurgimento, um reinício no novo ano. Outro nascimento.

‘Pessoas são como lugares mal situados’, contudo, ao passo da conhecida alegoria camuniana², há de se caminhar sabendo que não há sol sem sombras e que é preciso conhecer a noite. O majestoso universo entregue ao silêncio, espelhando o enigma cósmico, não é estéril e nem fútil. O encadeamento vital das estrelas e o seu sopro último sobre nós. Cada grão de uma pedra, bem como cada estilhaço mineral de uma montanha ‘cheia de noite’, forma um só mundo repleto de viventes, humanos e não humanos. Feliz Natal e Ano Novo, todos/as merecem! Como a expressão da Primavera com novas flores para dias distintos. E buscando o encontro entre a palavra e a prática, como forma que aprimora o dizer e o fazer, ao aquilatar a palavra com os sentidos em silêncio. Porque assim a palavra se converte em som iluminado para exprimir a vivência no Ano Novo, sob a inspiração da sensatez das luzes da ribalta natalina. Que 2021 seja um sendeiro resplandecente para o devir da condição existencial!

¹ FARIA, Daniel. *Homens que são como lugares mal situados*. 1 ed. Porto, Portugal: Fundação Manuel Leão, 1988.

² CAMUS, Albert. *El mito de Sísifo*. 3 ed. Madrid: Alianza Editorial, 1985.